

# CHORO

O **Choro**, popularmente chamado de **chorinho**, é um gênero musical da música popular instrumental brasileira. Apesar do nome, o gênero é em geral de ritmo agitado e alegre, caracterizado pelo virtuosismo e improviso dos participantes, que precisam ter muito estudo e técnica, ou pleno domínio de seu instrumento. O choro é considerado a primeira música popular urbana típica do Brasil e difícil de ser executado.

Os conjuntos que o executam são chamados de **regionais** e os músicos, compositores ou instrumentistas, são chamados de **chorões**. O conjunto regional é geralmente formado por um ou mais instrumentos de solo, como flauta, bandolim e cavaquinho, que executam a melodia; o cavaquinho faz o centro do ritmo e um ou mais violões e o violão de 7 cordas formam a base do conjunto, além do pandeiro como marcador de ritmo.

A origem do termo choro já foi explicada de várias maneiras. Para o folclorista LUÍS DA CÂMARA CASCUDO, esse nome vem de *xolo*, um tipo de baile que reunia os escravos das fazendas; de *xoro*, o termo teria finalmente chegado a choro. Por

outro lado, ARY VASCONCELOS sugere que o termo liga-se à corporação musical dos chormeleiros, muito atuantes no período colonial. Já o músico HENRIQUE CAZES, autor do livro *Choro – Do Quintal ao Municipal* (a obra mais completa já publicada até hoje sobre esse gênero) defende a tese de que o termo decorreu desse jeito marcadamente sentimental de abraçar as danças européias.

Em termos de estrutura musical, o choro costuma ter três partes (ou duas, posteriormente), que seguem a forma rondó (sempre se volta à primeira parte, depois de passar por cada uma). A construção inconfundível do choro é marcada pelo tema, as harmonias e as modulações, que são moldados por um acompanhamento rítmico, armado malandramente para testar o senso polifônico dos músicos e sua capacidade de improvisar em uma construção musical extremamente móvel.

## ANTECEDENTES

Com a vinda da corte portuguesa ao Brasil, em 1808, vieram instrumentos de origem européia como o piano, clarinete, violão, saxofone, bandolim e cavaquinho, e mais tarde músicas de dança de salão européias, como **valsa**, **quadrilha**, **mazurca**, **minueto**, **xote** (scotisch) e principalmente a **polca**, que viraram moda nos bailes cariocas de meados do séc. XIX. A reforma urbana, os instrumentos e as músicas estrangeiras, juntamente com a abolição do tráfico de escravos no Brasil em 1850, podem ser considerados fatores decisivos para o surgimento do Choro, já que possibilitou a emergência de uma classe média, composta por funcionários públicos, instrumentistas de bandas militares e pequenos comerciantes, geralmente de origem negra, nos



Cândido Portinari – *Chorinho* (1941)

subúrbios do Rio de Janeiro. Essas pessoas, sem muito compromisso, passaram a formar conjuntos para tocar de "ouvido" essas músicas, que juntamente com alguns ritmos africanos já enraizados na cultura brasileira, como o **batuque** e o **lundu**, passaram a ser tocadas de maneira abasileirada pelos músicos

#### • Teatro de Revista

A Revista é um gênero de teatro, de gosto marcadamente popular, que teve alguma importância na história das artes cênicas que tinha como caracteres principais a apresentação de números musicais, apelo à sensualidade e a comédia leve com críticas sociais e políticas. É caracterizada também por um certo tom *kitsch* - com bailarinos vestidos de forma mais ou menos exuberante (plumas e lantejoulas), além da forma própria de declamação do texto, algo estridente.

O Teatro de Revista no Brasil, também chamado simplesmente "Revista", e com produção das companhias como as de WALTER PINTO e CARLOS MACHADO, foi responsável pela revelação de inúmeros talentos no cenário cultural, desde a cantora luso-brasileira CARMEM MIRANDA, sua irmã AURORA MIRANDA, às chamadas vedetes de imenso sucesso como WILZA CARLA, DERCY GONÇALVES, ELVIRA PAGÃ e outras, e compositores como DORIVAL CAYMMI, ASSIS VALENTE, NOEL ROSA etc.

Seu início remonta a 1859 no Rio de Janeiro, A Revista brasileira pode ser dividida em 3 fases distintas:

1. A Revista do século XIX, que prende-se mais no texto que na encenação; tem seu ápice na obra de Artur Azevedo. No coro, acompanha uma orquestra de cordas.
2. Década de 20 e 30 - com incorporação da nudez feminina (introduzida pela companhia francesa Ba-ta-clan). A orquestra cede lugar a uma banda de jazz. As peças têm destaque igual para as paródias e para a encenação.
3. *Féerie* - Realce para os elementos fantásticos da peça. Surgem as companhias de teatro de Revista. As apresentações tornam-se verdadeiros espetáculos, onde o luxo está presente em grandes coreografias, cenários e figurinos. Tornando-se cada vez mais apelativa, começa a decair, até praticamente desaparecer, no final dos anos 50 e começa da década seguinte.

#### • Maxixe

O Maxixe (também conhecido como Tango brasileiro) é um tipo de dança de salão brasileira, de origem negra, que esteve em moda entre o fim do século XIX e o início do século XX. Teve a sua origem no Rio de Janeiro na década de 1870, mais ou menos quando o tango também dava os seus primeiros passos na Argentina e no Uruguai, do qual sofreria algumas influências. Dançada a um ritmo rápido de 2/4, notam-se também influências do lundu, das polcas e das habaneras cubanas. Dançava-se acompanhada da forma musical do mesmo nome, contemporânea da polca e dos princípios do choro e que contou com compositores como ERNESTO NAZARETH e PATÁPIO SILVA. Mas o maior nome na composição de maxixes foi, sem dúvida, o da maestrina **CHIQUINHA GONZAGA**.

Francisca Edwiges Neves, a **CHIQUINHA GONZAGA**, nasceu no Rio de Janeiro, a 17 de outubro de 1847. Filha de uma família ilustre do Império, Chiquinha Gonzaga educou-se com o Cônego Trindade e com o Maestro Lobo, casando-se, aos treze anos, com Jacinto Ribeiro do Amaral, um oficial da Marinha Mercante. O casamento durou o tempo de transformar Chiquinha em mãe de cinco filhos. Ela não agüentou mais a reclusão do navio onde seu marido servia e as ordens dele para que ela não se envolvesse com a música. Naquela época, uma mulher que abandonasse o marido tornava-se responsável por uma "vergonha" que devia enfrentar sozinha. Depois de outra experiência amorosa frustrante, Chiquinha Gonzaga compreendeu sua falta de vocação para o casamento. Passou, então, a viver como mulher independente, situação em que pôde revelar sua verdadeira personalidade.

Trabalhou como professora de piano e obteve grande sucesso, tornando-se também compositora

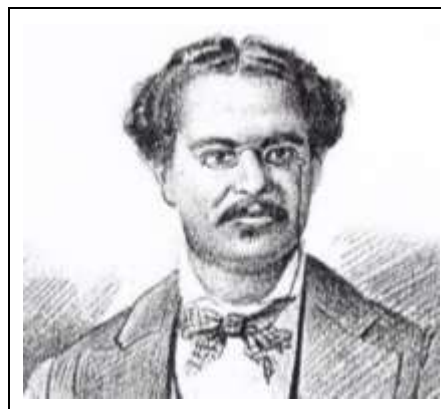
de polcas, valsas, tangos e canções. Ao mesmo tempo, juntou-se a um grupo de músicos de choro, com quem tocava em festas. Foi a necessidade de adaptar o som de seu piano ao gosto popular que lhe valeu a glória de se tornar a primeira compositora popular do país. O sucesso de Chiquinha Gonzaga começou em 1877, com a polca "*Atraente*". A partir da repercussão de sua primeira composição impressa, Chiquinha resolveu se lançar no teatro de variedades. Estreou compondo a trilha da opereta de costumes "*A Corte na Roça*", de 1885. Politizada, participou ativamente das campanhas abolicionista e republicana na década de 1880.

Chiquinha compôs as músicas de 77 peças teatrais, tornando-se responsável por cerca de 2000 composições. Em 1897, todo o Brasil dançou sua estilização do *Corta-Jaca*, sob a forma de tango "*Gaúcho*". Dois anos depois, compôs "*Ó Abre Alas*", a primeira marcha carnavalesca que se tem notícia. Em 1912, encenou o maior êxito, até hoje, do teatro brasileiro, a burleta *Forrobodó*. Outras peças de Chiquinha, nos anos seguintes, continuariam a merecer o favor do público, entremeadas com o escândalo que foi a execução, mesmo que apenas em solo de violão, do *Corta-Jaca*, em 1914, no Palácio do Catete, por decisão de NAIR DE TEFÊ, mulher do presidente HERMES DA FONSECA. Era a única mulher entre os 21 fundadores, em 1917, da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais). E foi cercada dessa glória que Chiquinha Gonzaga viveu até 28 de fevereiro de 1935, às vésperas do carnaval, festa que ela tanto amava.



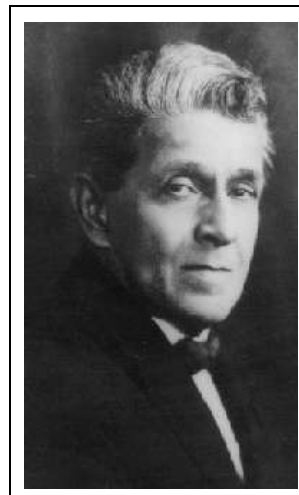
## HISTÓRIA do CHORO

Embora não se possa fixar uma música ou uma data para o surgimento de um gênero musical, pois se trata de um processo lento e contínuo, dentre esses músicos se destacou o flautista **JOAQUIM ANTÔNIO DA SILVA CALADO**, professor da cadeira de flauta do Conservatório Imperial, e seu conjunto, surgido por volta de 1870, que ficou conhecido como "O Choro de Calado": dois violões, um cavaquinho e sua flauta solista. Nesse conjunto os instrumentistas de cordas tinham liberdade, e todos eram bons em fazer, de propósito, improvisos sobre o



acompanhamento harmônico e modulações complicadas com o intuito de "derrubar" os outros músicos. Ou seja, foi desenvolvido um novo diálogo entre solo e acompanhamento, uma característica do Choro atual. Logo, outros conjuntos com essa mesma formação apareceram. A polca "*Flor Amorosa*", composta por Calado e CATULO DA PAIXÃO CEARENSE em 1867, é tocada até hoje pelos chorões e é considerada a primeira composição do gênero. No final do século XIX e início do século XX outros instrumentos de sopro e cordas, como o bandolim, o clarinete, o oficlíde e o flautim foram incorporados aos conjuntos e utilizados também pelos solistas.

Essencial para a formação da linguagem do gênero foi a obra de **ERNESTO NAZARETH**, que desde cedo extrapolou as fronteiras entre a música popular e a erudita. O autor de clássicos como *Brejeiro*, *Odeon* e *Apanhei-te Cavaquinho* destacou-se como criador de tangos brasileiros e valsas, mas de fato exercitou todos os gêneros musicais mais comuns daquela época. A sofisticação da obra de Nazareth era tamanha, que sua obra só foi definitivamente integrada ao repertório básico dos chorões nos anos 40 e 50, por meio das gravações de JACOB DO BANDOLIM e GAROTO.



Com o advento do cinema mudo com orquestra na sala de espera, da indústria fonográfica e do rádio, os músicos passaram a se profissionalizar. Os conjuntos de choro foram muito requisitados nas gravações fonográficas (de LPs de 78 rotações) que tiveram início em 1902. O compositor **ANACLETO DE MEDEIROS** foi um dos pioneiros, ao participar das primeiras gravações do gênero e de um dos primeiros discos impressos no Brasil em 1902. Como grande orquestrador, traduziu a linguagem das bandas para as rodas de choro. O virtuoso da flauta **PATÁPIO SILVA**, considerado o sucessor de Joaquim Calado, ficou famoso por ser o primeiro flautista a fazer um registro fonográfico. Por sua vez, o violonista pernambucano **JOÃO PERNAMBUCO**, autor de "*Sons de Carrilhões*", trouxe do



sertão sua forma típica de canção e enriqueceu o gênero com elementos regionais, colaborando para que o violão deixasse de ser um mero acompanhante na música popular. **PIXINGUINHA**, um dos maiores compositores da música popular brasileira, que também era tenor, arranjador, saxofonista e flautista, contribuiu diretamente para que o choro encontrasse uma forma musical definitiva.

ALFREDO DA ROCHA VIANNA FILHO (o **PIXINGUINHA**) era natural do Rio de Janeiro. Quando criança, ele teve varíola – popularmente conhecida como bexiga –, passando a ser chamado de Bexiguinha, e depois Pechinguinha, até ficar conhecido como Pixinguinha.

Apesar de negra, a família de Pixinguinha não era de classe baixa; morava numa casa grande, de oito quartos, e seu pai, Alfredo da Rocha Vianna, dava festas com frequência. Funcionário público dos Telégrafos, ele era flautista amador e costumava receber amigos músicos. Pixinguinha cresceu, portanto, numa atmosfera musical. Não tardou a aprender cavaquinho com um irmão e – aos catorze anos – flauta, com seu pai. Adolescente precoce, começou então a integrar grupos e orquestras, passando a ser requisitado para tocar em cinemas, teatros e cabarês, além de carnavais. Em 1911, entrou para o Choro Carioca, e depois veio o Grupo de Caxangá, regional em que figuravam nomes como JOÃO PERNAMBUCO e DONGA. Logo veio a formar o seu próprio **Grupo do Pechinguinha**, depois Choro Pechinguinha. Em 1918, lançou dois sofisticados maxixes de sua autoria, "*Os Dois Que se Gostam*" e "*Os Oito Batutas*".



Em 1919, Pixinguinha compôs o choro "*Um a Zero*", evocando a primeira conquista do campeonato sul-americano de futebol pela seleção brasileira, que venceu a uruguaia na final. No mesmo ano, Pixinguinha foi convidado a formar um conjunto para se exibir na sala de espera do Cinema Palais, um dos mais elegantes do Rio, na época, e organizou os **Oito Batutas**. Em 1922, o grupo foi convidado para uma temporada no dancing Sheherazade, em Paris. A temporada, histórica, foi razoavelmente bem-sucedida. O conjunto ficou lá cerca de seis meses.

Em 1946, ele se aliou ao flautista **Benedito Lacerda** (1903-1958), e, juntos, os dois gravaram, até 1950, dezessete discos que representam um dos pontos altos da música instrumental popular brasileira. Nesse período, para acompanhar Lacerda, Pixinguinha trocou a flauta pelo saxofone tenor, mantendo sua criatividade e capacidade de improvisação como instrumentista. O trabalho deu espaço de destaque ao virtuosismo de Lacerda na flauta e ao contraponto de Pixinguinha no saxofone, resultando em gravações célebres: "*Um a Zero*", "*Sofres Porque Queres*", "*Ainda Me Recordo*", "*Ingênuo*", "*Urubatã*", "*Proezas do Solon*" e outras.

Em 1962, compôs músicas para a trilha sonora do filme "*Sol Sobre a Lama*", de ALEX VIANY. Na ocasião, realizou algumas parcerias com VINÍCIUS DE MORAES., incluindo o grande sucesso "*Lamentos*". Em 1964, começou um trabalho com o letrista da nova geração HERMÍNIO BELLO DE CARVALHO. Uma das composições então feitas pela dupla, "*Fala Baixinho*", foi defendida por Ademilde Fonseca no II Festival Internacional da Canção, no Rio, em 1967. Morreu em 1973, menos de um ano depois da morte de sua mulher.

A partir da década de 1920, impulsionado pelas gravadoras de discos e pelo advento do rádio, o Choro fez sucesso nacional com o surgimento de músicos como **LUPERCE MIRANDA** e do pianista **ZEQUINHA DE ABREU**, autor de *Tico-Tico no Fubá*, além de grupos instrumentais que, por dedicar-se à música regional, foram chamados de regionais, como o Regional de **BENEDITO LACERDA**, que tiveram como integrantes **PIXINGUINHA** e **ALTAMIRO CARRILHO**, e Regional do **CANHOTO**, que tiveram como integrantes Altamiro e **CARLOS POYARES**. A partir de 1930, os conjuntos regionais formaram uma base de sustentação às nascentes estações de rádio, devido à sua versatilidade em acompanhar, com facilidade e sem muitos ensaios, os diversos estilos de música vocal que surgiram. Outro solista de destaque, nos anos 20 e 30, foi o clarinetista e saxofonista sergipano **LUIZ AMERICANO**, que em 1937 integrou o inovador **Trio Carioca** ao lado do pianista e maestro **RADAMÉS GNATTALI**. Um dos exemplos de união entre o choro e o jazz foi realizado por **SEVERINO ARAÚJO**, que, em 1944, adaptou choros à linguagem das big bands. Como maestro da **Orquestra Tabajara**, Severino Araújo gravou vários choros de sua autoria, como "*Espinha de Bacalhau*".

Em 1947, **WALDIR AZEVEDO**, o mais popular artista do choro e virtuoso do cavaquinho, compôs "*Brasileirinho*" o maior sucesso da história do gênero, gravado por Carmen Miranda e, mais tarde, por músicos de todo o mundo. Waldir Azevedo foi um pioneiro que retirou o cavaquinho de seu papel de mero acompanhante e o colocou em destaque como instrumento de solo, explorando de forma inédita as potencialidades do instrumento. **JACOB DO BANDOLIM** foi um virtuoso no seu instrumento que promovia famosas rodas de choro em sua casa, nos anos 50 e 60, além de grande compositor. "*Doce de Coco*", de 1951 e "*Noites Cariocas*", de 1957, são parte do repertório clássico do gênero.



Waldir Azevedo

O Choro perdeu grande parte de sua popularidade devido ao surgimento da Bossa Nova nas décadas de 50 e 60, quando foi considerado "fora de moda". Estimulado pelo show *Sarau*, com **PAULINHO DA VIOLA** e o grupo *Época de Ouro*, o choro conheceu um período de revitalização, nos anos 70. Não apenas surgiram grupos jovens dedicados ao gênero, como os cariocas **A Fina Flor do Samba**, **Galo Preto** e **Os Carioquinhas**, mas um novo público se formou, ampliado por clubes de choro criados em cidades como Brasília, Recife, Porto Alegre, Belo Horizonte, Goiânia e São Paulo. O novo interesse pelo gênero propiciou também a redescoberta de veteranos chorões, além de revelar talentos mais jovens, como os bandolinistas **JOEL NASCIMENTO** e **DÉO RIAN**. Sem dúvida, o músico mais brilhante dessa nova geração foi o violonista carioca **RAFAEL RABELLO**, que apesar de ter morrido prematuramente, em 1995, deixou gravada uma obra de peso.

Já a partir dos anos 80, o choro passa a estabelecer outras conexões musicais. Grupos de espírito chorão, como a **Camerata Carioca** e a **Orquestra de Cordas Brasileiras**, também traziam em seus repertórios música erudita de Bach, Vivaldi e Villa-Lobos, ou mesmo o tango contemporâneo de Astor Piazzolla. Por outro lado, a música popular brasileira passou a flertar mais com o choro através de obras de influentes compositores como **PAULINHO DA VIOLA** e **CHICO BUARQUE**, ou instrumentistas, como **HERMETO PASCOAL**. Já na última década, o choro vem recebendo uma ênfase especial na parceria do violonista e compositor **GUINGA** com o veterano letrista **ALDIR BLANC**, que elevaram o patamar das experiências com o choro vocal. Entre os músicos da atualidade que tem se dedicado ao choro chamam atenção o pianista **LEANDRO BRAGA**, o violonista **YAMANDU COSTA**, gaitista **RILDO HORA**, o clarinetista e saxofonista **NAILOR PROVETA AZEVEDO** e os flautistas **ANTÔNIO CARLOS CARRASQUEIRA** e **DIRCEU LEITTE**.